

A faxina mal começou

O senador Fernando Henrique Cardoso, a quem as pesquisas de intenção de voto prometem a vitória hoje, em turno único, acredita que a fase épica do Ministério da Fazenda se esgotou. Ele olha a calmaria do real, o comportamento cauteloso do consumidor, e conclui que já não precisamos de heróis no governo. Talvez esteja enganado. A terça-feira nos trará os números das urnas, e é possível que



Vamos precisar, não de um herói, mas de uma legião

despertemos, em seguida, numa quarta-feira de cinzas. A semana que passou já nos deu uma amostra do que pode vir por aí: sem nenhuma aparente razão de mercado, os preços da cesta básica deram um salto. Em parceria com o feijão e a carne, estes empurrados, segundo os produtores, pela seca, os produtos de higiene e limpeza ameaçam arrombar o orçamento das famílias de baixa renda.

Cardoso realizou uma proeza ao conquistar para o seu plano econômico a credibilidade traduzida na moeda dos votos. Mas ele não pode, ainda, dizer como o apóstolo Paulo: "Combati o bom combate, encerrei a carreira e guardei a fé". Os fabricantes de desinfetantes, ou quem quer que em seu nome tenha dado essa demonstração de oportunismo e — diria o ex-ministro Ricúpero, em conversa privada via Embratel — banditismo, estão fazendo ironia. Tem um sentido simbólico, neste momento, o aumento de preços dos materiais de limpeza: a faxina mal começou.

Temos vivido, desde o lança-

mento do real, uma trégua cuja garantia é uma moeda de duas faces. Numa delas se pode ver a preeminente imagem de Cardoso, tendo ao fundo a esguia figura de Marco Maciel. Na outra face, a efígie barbuda de Luiz Inácio Lula da Silva. Até que ponto a fé em um dos lados predomina sobre a mistura de medo e preconceito que o ex-metalúrgico produz nas chamadas forças do mercado?

Se a estabilidade que experimentamos no último trimestre tiver sido amamentada apenas no horror a mudanças que marca nossos fazedores de fatos econômicos, os tucanos e seus aliados não terão tempo para comemorações. O ministro Ciro Gomes, que já comparou este momento político a um trecho do Caminho de Santiago, há de se ver pendurado numa escarpa dos Pireneus, e não há em seu alforje pedra mágica que possa reverter uma possível explosão nos preços. Os fatos, então, darão a Cardoso um arremedo de fútil razão: todo heroísmo seria inútil, se aquilo que parecia um ato de fé do mercado não tivesse passado de manifestação de covardia.

Por sorte nossa, a circunstância internacional é de expansão, e não sofremos um efeito adstringente do mercado externo sobre a economia interna. Ao contrário, executivos de subsidiárias brasileiras têm sido convocados às matrizes de multinacionais para explicar este cenário eriado pelo Plano Real e indicar o caminho dos bons

negócios. Sabe-se lá fora, e foi Tom Jobim quem sentenciou, que o Brasil não é para principiantes.

Mas não vai bastar que chovam dólares, se as forças retrógradas da política e da economia voltarem a se sentir seguras o suficiente para cobrar a conta deste trimestre de bonança. Mesmo porque há outra conta posta sobre a mesa: ali estão anotados os números da dívida social do Estado. Sem o compromisso eleitoral, os especuladores voltam a fazer seus "realinhamentos" descarados, e breve as corporações voltarão a estender suas garras, os sindicatos darão partida em seus carros de som e a

mídia, que no Brasil não é meio, mas fim, estenderá suas armadilhas de urgências.

Cardoso terá de conduzir o andar de suas reformas sobre esse piso escorregadio. Não tem um sistema tributário adequado, não tem instrumentos restritivos contra abusos econômicos, não pode confiar no Congresso. Tem, logo ali, uma bomba-relógio armada por alguns dos parceiros que o ajudaram na jornada anti-Lula. Vamos precisar, não de um herói, mas de uma legião.

Esta eleição não acaba hoje.

■ Luciano Martins Costa é jornalista

